

diplomáticas do Brasil com o Vaticano, deterioradas ao longo do Império. Elevaram-se ambas as representações diplomáticas ao grau de primeira classe, ou seja, Embaixada e Nunciatura, respectivamente.

Em Roma, ao receber o barrete das mãos de S.S. Pio X, Arcoverde telegrafava a Rio Branco: “Agradecido reconheço em vossa excelência as glórias e alegrias deste dia cardinal”. Hoje, quando seis cardeais brasileiros, todos “papáveis” como o consagra a tradição jurídica da Cúria Romana, participarão nos próximos dias do conclave que elegerá o sucessor do sofrido papa Paulo VI, ainda a sombra do Barão se projetará na História. Mais uma vez assumia Rio Branco o papel de agente do destino que cabe ao estadista.

\*

\* \*

## REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

Balhana, Altiva Pilatti — Santa Felicidade, uma paróquia vêneta no Brasil. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1 978. 155 págs.

Não há visitante de Curitiba, avulso ou excursionista, que não inclua em seu programa almoço ou jantar num dos inúmeros restaurantes de Santa Felicidade, pequeno distrito dos arredores da capital paranaense. E essa imagem gastronômica, habilmente explorada pelas agências de turismo, é a que o viajante retém da simpática localidade. Não lhe passa pela cabeça que Santa Felicidade possa ser algo mais que um local onde se coma bem. Todavia, é bom saber que essa imagem, hoje, ao que parece, de difusão internacional, constitui apenas um dos aspectos da importante colônia vêneta que comemorou no ano passado o seu centenário. E quem quiser conhecer esse “algo mais” de Santa Felicidade deve ler o excelente estudo que lhe dedicou a Profa. Altiva Pilatti Balhana, do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Estudiosa dos temas ligados à colonização estrangeira em seu Estado, sobre os quais publicou numerosos trabalhos, entendeu a autora de contribuir de maneira permanente para a efeméride centenária da colônia vêneta de que se

originou Santa Felicidade, trazendo excelente achega para tornar melhor conhecido o processo de formação e desenvolvimento das comunidades ítalo-brasileiras do Brasil meridional. Realizando acurado trabalho de pesquisa — arquivar, bibliográfica e oral — a autora soube reconstituir a vida de Santa Felicidade, realmente com... muita felicidade ! Uma das cousas que nos ensina, logo no capítulo inicial, é que, ao contrário do que geralmente se pensa, a imigração italiana para o Brasil não foi alimentada primordialmente pelas regiões meridionais da Itália. Ao contrário, mostra-nos, com dados estatísticos, que para o Brasil vieram predominantemente imigrantes do Vêneto, numa proporção que atinge quase 50 % do conjunto da imigração italiana. E essa proporção tende a elevar-se quando se trata de contingentes estabelecidos nos núcleos coloniais do Sul do Brasil, nos quais a proporção de imigrantes oriundos do Vêneto chega a ultrapassar 90 %. Colônia eminentemente religiosa na sua origem, as transformações sofridas com o tempo por Santa Felicidade não foram suficientes para apagar de vez os traços eclesiásticos de sua estrutura. Eis por que a autora preferiu denominar seu livro “Uma paróquia vêneta no Brasil” e não uma colônia vêneta, como, à primeira vista, pareceria mais correto. São preciosos os capítulos dedicados à vida econômica e social da localidade ao longo destes cem anos de sua existência, impressionando-nos, mais uma vez, a sobrevivência de muitos dos seus traços culturais primitivos. Embora de assunto restrito — uma “paróquia” ou, se quisermos, uma “colônia”, o livro que a ilustre professora e pesquisadora paranaense vem de publicar constitui excelente subsídio para o estudo da colonização no Sul do Brasil e muito apreciaríamos se livros similares aparecessem sobre outras colônias européias existentes no país. ONM ( Cortesia do Editor ).

Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, nº 11, 1ª série. São Paulo, setembro de 1978.

A dois temas vem dedicado o último número da prestigiosa publicação do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, entidade vinculada ao

Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo: 1. Jornada de especialistas de Carnaval brasileiro; e 2. IV Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos. Na primeira seção, colaboram Hildegardes Viana (“Reminiscências do Carnaval em Portugal”), Manuel Diegues Júnior (“Notícias de velhos carnavais”), Olga Rodrigues de Moraes von Simson (“O Carnaval e o desenvolvimento urbano de Guaratinguetá na segunda metade do século XIX”), J. Muniz Júnior (“Santos, Carnaval e Samba”), Bandeira Júnior (“Convenção Nacional de Reis Momos”), Alba Zaluar Guimarães (“O Clóvis ou a criatividade popular num carnaval massificado”), Hélio Damante (“Secularização do Carnaval”), Renato Ortiz (“Carnaval: reflexões”), Maria Isaura Pereira de Queiroz (“Da definição de carnaval”). A segunda seção conta com a colaboração de Carmen Junqueira (“Trabalho indígena, Trabalho Volante e Estrutura Agrária no Estado de São Paulo”), Maria Conceição D’Incao (“O significado do trabalhador volante na transformação da sociedade brasileira”), Maria Teresa Leme Fleury (“Considerações sobre as cooperativas de trabalhadores volantes”), Maria Helena Rocha Antunias (“Renovação tecnológica e relações de trabalho na Agricultura”) e Orlando Sampaio Silva (“O japonês em Santa Isabel do Pará”). Noticiário e resenhas bibliográficas completam o volume. ONM

Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo. Boletim Informativo, 2ª série, ano II, nº 5, 1 977.

Sob a direção dos Professores Massaud Moisés e Francisco Maciel Silveira, traz a seguinte matéria: “Alexandre Herculano e o conto”, de Álvaro Cardoso Gomes; “Tabacaria: reflexão em torno do título de um poema”, de Carlos Felipe Moisés; “A persuasão em Antônio Vieira: uma História do Futuro”, de Francisco Maciel Silveira; Acerca do “Amor de Perdição”, de Lênia Márcia de M. Mongelli, resenha dos “Contos” de Vergílio Ferreira; noticiário. ONM (Cortesia do Instituto de Estudos Portugueses.)

Duarte, Abelardo – Folclore negro das Alagoas: áreas da cana-de-açúcar. Maceió, Departamento de Assuntos Culturais, 1 974. 428 págs.

Embora considere modestamente simples “achegas sobre o folclore negro do Nordeste” com os assuntos “abordados despreziosamente, de maneira a não ser apenas uma obra para entendidos”, o que o autor nos oferece, neste volume, é uma quantidade imensa de elementos, da mais alta significação para o tema que teve em vista. Não coletou simplesmente os dados, como tantos fazem. Procurou interpretá-los, examinando, sobretudo, os aspectos culturais, as origens étnicas, o sincretismo, enfim tudo aquilo que torna apaixonante o estudo do folclore. Como vem assinalado numa pequena nota de apresentação, “a obra não possui nenhum ranço dogmático e figurará como nova e valiosa achega ao folclore brasileiro”. As seis partes em que o livro se divide tratam de danças populares, da música popular, da literatura oral, da arte popular, dos costumes e dos folguedos populares. Em anexo, uma relação dos instrumentos usados para acompanhamento dos folguedos e danças populares das Alagoas. O autor é professor da Universidade Federal de Alagoas, membro da Academia Alagoana de Letras e de vários Institutos Históricos e tem, em sua bibliografia, numerosos títulos que interessam particularmente à história de seu Estado. ONM ( Cortesia do autor. )

Estudos Ibero-Americanos, vol. IV nº 1. Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, julho de 1978.

Esta excelente revista do Departamento de História da PUC de Porto Alegre, à qual já temos feito referências, apresenta-se em seu último número com o seguinte sumário: “A mediação inglesa no reconhecimento da Independência do Brasil”, de Daniel Vale Ribeiro; “Double Perspective in two works of Jorge Amado”, de Bobby J. Chamberlain; “Feudalismo y señorialismo en la America española colonial”, de Joaquín Rodríguez Suro; “O lastro social e a renovação literária em *As Meninas* de Lygia F. Telles; ‘Two Modern *Autos* by Ariano Suassuna”, de Richard A. Mazzara; “Natureza e homem na formação cultural da América chamada Latina”, de Manuel Diegues Júnior; “Seventeenth Century Maranhão: Beckman’s Revolt”, de Murray Graeme MacNicoll. Na seção de documentos, o texto integral do *Tratado de Canguê*, assinado em 21 de agosto de 1838 entre

Frutuoso Rivera e a República Rio-Grandense, formando uma aliança defensiva contra os inimigos comuns, no caso o governo uruguaio de Oribe. “A finalidade básica deste tratado” – escreve Moacyr Flores – era de que os farroupilhas recolhessem Rivera como futuro presidente do Uruguai. Aos sulriograndenses interessava o caminho livre para a fronteira, a fim de refazerem suas tropas militares ou conseguir armas e munições. O tratado nunca chegou a ser executado, porque tanto os farroupilhas como Rivera fizeram jogo duplo, aqueles ora apoiando Oribe, ora Rivera; e este fingindo apoiar os farroupilhas, enquanto recebia dinheiro do Império do Brasil para combatê-los”. ONM

Geografia, vol. 3, nº 5, abril, 1 978.

O último número da importante revista da Associação de Geografia Teorética, de Rio Claro, traz o seguinte sumário: “Graficácia”, de W. G. Balchin; “Sobre diversificação e sua medida aplicada à Geografia Agrária”, de Nilo Bernardes; “O processo de modernização agrícola e a proletarianização do trabalhador rural no Brasil”, de Manuel Correia de Andrade; “Considerações sobre a teoria do turbilhão e aplicação aos estudos de calhas induzidas”, de Antônio Carlos Tavares; “Patos de Minas: uma cidade média em Minas Gerais e sua região”, de Oswaldo Bueno Amorim Filho. Notas e resenhas assinadas por Wolmar A. Carvalho, Gertrudes Piedade, Lúcia Helena Girardi, Odeibler Santo Guidugli, Sílvia S. Sampaio, Maria Juraci Zani dos Santos e Antônio Christofolletti. ONM

Horizonte. Revista trimestral da Universidade Federal da Paraíba. nºs 2 e 3. João Pessoa, 1 976 e 1 977.

Revista mista, como ocorre com a maior parte das publicações universitárias do país, abrangendo as diversas matérias ministradas na Instituição, registramos aqui apenas os títulos que mais de perto interessam à nossa área: no nº 2 – “Análise da gênese histórica da expressão ‘Educação Perene’”, de Ítalo Rucco; “O negro no Brasil”, de Aécio Vilar de Aquino; “O desenvolvimento agrícola do Brasil e a reforma agrária”, de Eduardo Pazera Júnior; “Os potiguaras da Paraí-

ba”, de Francisco J. Moonen; “Análise sêmica de um poema de João Cabral de Melo Neto”, de Maria do Socorro Silva de Aragão; “Planejamento empresarial”, de Afrânio de Aragão; “Quantidade e qualidade da Educação”, de Ceciliano de Carvalho Vanderlei, no nº 3 – “Aspectos da formação étnica, povoamento e população do Brasil”, de Eduardo Pazera Júnior; “Mário Quintana: O poema é uma luta entre o acaso e a astúcia”, de Elizabeth Marinheiro; “Os potiguaras da Paraíba” ( cont. do nº anterior ), de F. J. Moonen; “Hermes Lima: socialismo ou capitalismo de Estado numa ‘Travessia’ ”, de José Otávio; “Enfoques do desenvolvimento industrial no Brasil”, de Maria Marta Pimentel de Melo. Em ambos os números, diversas resenhas de livros. ONM

Lapa, J. R. do Amaral – Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará, 1 763 – 1 769. Petrópolis, Vozes, 1 978. ( Col. “História Brasileira” ).

Inaugurando sua nova coleção – **História Brasileira** – a editora petropolitana vem de editar precioso documentário sobre a Inquisição no Brasil, mais particularmente no Pará, com introdução e notas do Professor Amaral Lapa, que é também do diretor da coleção. Aliás, coube ao ilustre historiador campineiro a própria descoberta do precioso documento, sobre o qual o “Correio Popular”, de Campinas, publicou a seguinte nota: “Em toda a história de Portugal e do Brasil nenhuma linha registra essa que com certeza deve ter sido a última e a mais demorada visita que a terrível instituição fez ao Brasil. Numa cidade com cerca de 10.000 habitantes, direta ou indiretamente toda a sociedade foi envolvida pelo clima fantasmagórico do implacável tribunal, que a todos ameaçava com suas técnicas de persuasão e terror, com sua intimidação e torturas, com os seus interrogatórios e rituais, acobertados pela mais ampla garantia de sigilo ! Agita-se o homem colonial com sua pequenez no grande cenário tropical que o cerca. Traz dentro de si um universo de contradições e esperanças, de angústias e apelações, de desespero pelos problemas existenciais que o levam a recorrer a velhas índias feiticeiras, ao exorcismo e às práticas mais diversas de bruxaria. O leitor penetrará no interior desse quadro, onde deuses e demônios convivem com escravos negros e governadores, com crianças e gente humilde,

com religiosos prevaricadores e cristãos-novos, com senhores de engenho, bígamos e sodomitas, pobres índios e hereges. Eles desafiam o céu e a terra para sufocar os seus tormentos ou atormentar ou seduzir ou aniquilar os seus desafetos em cenas kafkianas. Dessa maneira, é colocada diante do leitor uma janela indiscreta que devisa a intimidade de cada um traduzida em atos sexuais, em pactos com o demônio, em cerimônias e orações que se apresentam como capazes de recuperar o que se julgava perdido, dobram as vontades e seduzem as donzelas, curam os enfermos ou escandalizam os circunstantes. Nesse ritmo é que se atropelam os desafios e contestações, os temores e inquietações das consciências. Reconstituída no seu conjunto e nos seus pormenores, essa **Visita** é apresentada através de três capítulos introdutórios que propõem modernas abordagens para essa fonte primária de excepcional interesse para a nossa história social, econômica e dos sentimentos”. ( Cortesia da Editora. )

Revista do Instituto do Ceará. Nº 97, Fortaleza, janeiro-fevereiro, 1 977.

A veterana **Revista do Instituto do Ceará**, uma das mais importantes publicações existentes no Brasil na área da historiografia, e voltada especialmente para a história do Nordeste, apresenta um seu último número: “História do Ceará holandês”, de Carlos Studart Filho; “Para o estudo do processo de folclorização”, de Florival Seraine; “Província Fluminis Grandis”, de Guarino Alves; “O centenário da Rede de Viação Cearense”, de José Parsifal Barroso; “O Liceu do meu tempo”, de Mozart Soriano Aderaldo; “Caririenses nas forças armadas brasileiras” e “O Exército no Ceará em 1 928”, de Raimundo Teles Pinheiro; “Versão livre da carta de Matias Beck sobre o Ceará”, de Henrique de Gonzales; “O pensamento social de Joaquim Nabuco”, de João Alfredo de Sousa Montenegro, e “A coleta de babaçu no Alto do Carvão”, de Teresinha Helena de Alencar Cunha; discursos ocasionais, documentário, notas, transcrições e registro bibliográfico complementam o volume. ONM ( Cortesia do Instituto do Ceará )

Tempo Universitário. Revista de Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Vol. 1, nº 1, 1 976.

Apresenta-se com o seguinte sumário esta nova revista cultural potiguar: “Da hospitalidade inglesa”, de Luís da Câmara Cascudo; “José Augusto, um estadista”, de Onofre Lopes; “Rodolfo Garcia”, de Paulo Pinheiro de Viveiros; “José Bonifácio, humanista”, de Nilo Pereira; “Origens da literatura de çordel”, de Veríssimo de Melo; “Lampião na Fazenda Veneza”, de Raul Fernandes; “Três poemas”, de Zilá Mamede; “Poemas rupestres”, de Sanderson Negreiros; “Um poeta potiguar, Jorge Fernandes”, de Protásio de Melo; “O sistema escolar nos Estados Unidos”, de Waldson Pinheiro; “Alguns aspectos da livre convicção”, de Edgar Barbosa; “Interpretação social da seca de 1970”, de José Rafael de Meneses, e “Acerca da música popular brasileira”, de Grácio Barbalho. Nas palavras de apresentação, figuram as seguintes palavras de Domingos Gomes de Lima, que merecem ser meditadas por todas as autoridades universitárias do país: “Procurássemos identificar o que existe de essencial, irreduzível, permanente no conceito de Universidade e seríamos conduzidos a admitir, necessariamente, que este ponto definidor é a sua atividade intelectual, criativa por excelência e eminentemente humanística.” ONM

\*

\*      \*

## MEMÓRIA CAMPINEIRA (5)

### UM NOME QUE NÃO PODE DESAPARECER

Os jornais de Campinas freqüentemente publicam cartas de leitores reclamando contra a poluição sonora do chamado Centro de Convivência Cultural, resultante da instalação, ali, de diversos bares e restaurantes e dos motoqueiros que do belo logradouro fizeram também o seu “centro de convivência”. Não entramos no mérito das reclamações. Se elas são feitas, certamente assiste razão aos reclamantes. Conhecemos o problema de outros locais e circunstâncias e podemos imaginar que uma praça na qual já existem ( e outros estão em construção ) alguns dos mais requintados edifícios de apartamentos da cidade, poderá vir a ter sua imagem prejudicada, inclusive num lamentável processo de desvalorização, se o local vier a se tornar o que os sociólogos chamam de “zona